

# HORA DO CONTO: A LITERATURA COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA EM CONTEXTO DE AMBIENTOTERAPIA

## Story Time: the literature as a therapeutic tool in the context of Ambientotherapy

CARLOS EDUARDO LOUREIRO XAVIER  
LAURA MARAZITA LOTTI

---

**RESUMO:** A literatura sempre se mostrou relevante à infância, e com a Psicanálise, essas histórias suscitaram questionamentos sobre a importância no processo de psicoterapia, incluindo a Ambientoterapia, contexto de tratamento que traz o ambiente como principal recurso terapêutico. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é discutir a função terapêutica da leitura de histórias infantis em um grupo de Ambientoterapia, com base nos relatos de casos de dois pacientes crianças. Para isso, foram utilizados relatos dos atendimentos da atividade Hora do Conto. Apesar de ambos apresentarem funcionamentos sintomáticos distintos, o que se viu foi uma melhora considerável em cada paciente. A leitura suscitou efeitos terapêuticos pelo incentivo à interação e à explicitação de limites e regras mais claras. Logo, conclui-se que a leitura compartilhada de histórias infantis se mostrou um recurso terapêutico importante, contudo ela deve ser pensada de forma individual, considerando a singularidade de cada sujeito e suas características.

**PALAVRAS-CHAVES:** histórias infantis; hora do conto; psicanálise; infância; psicoterapia.

**ABSTRACT:** Literature has always been relevant to childhood, and with Psychoanalysis, these stories raised questions about the importance in the psychotherapy process, including Ambientotherapy, a treatment context that brings the environment as the main therapeutic resource. In this sense, the aim of this article is to discuss the therapeutic role of reading children's stories in an Ambientotherapy group, based on case reports of two child patients. For this, reports of the attendance of the Hour of the Tale activity were used. Although both presented different symptomatic functioning, what was seen was a considerable improvement in each patient. Reading aroused therapeutic effects by encouraging interaction and making clearer limits and rules explicit. Therefore, it is concluded that the shared reading of children's stories proved to be an important therapeutic resource, however it must be thought of individually considering the uniqueness of each subject and their characteristics.

**KEYWORDS:** children's stories; story time; psychoanalysis; childhood; psychotherapy.

## Introdução

Definir a origem dos contos de fadas é uma tarefa árdua. Sabe-se que são contos presentes desde o período da Antiguidade e compartilhados pelas inúmeras gerações subsequentes (Moraes & Baracat, 2015; Schneider & Torossian, 2009). Essas histórias perpassaram distintos períodos e contextos sociais, o que implica múltiplas adaptações que dialogam com o tempo presente (Reis, 2013).

Originalmente, os contos de fadas não tinham como destino o público infantil e eram recheados de conteúdos hoje considerados adultos. Nesse período inicial, em que a única forma de difundir a história era pela palavra, não havia diferenças claras entre infância e adultez. Com o passar dos séculos, a separação do adulto e da criança se solidificou e trouxe alterações importantes às histórias de acordo com a criança de cada tempo, cultura e contexto social (Corso & Corso, 2005; Schneider & Torossian, 2009; Reis, 2013).

É possível verificar uma distância dos contos de fadas com outras modalidades literárias, entre elas os textos psicanalíticos. Todavia, essa distância é reduzida ao analisar as características basilares de cada formato, identificando certos atributos compartilhados. O conto busca acessar não só conteúdos da mais tenra natureza humana, como angústia, medo, alegria e tristeza, mas também conteúdos inconscientes à criança (Bettelheim, 1976/2018; Moraes & Baracat, 2015). Isso se assemelha com os fundamentos da psicanálise, que trouxeram uma novidade ao propor um novo entendimento de sujeito, onde a normalidade e a patologia originam-se de conteúdos estrangeiros à consciência. Essa concepção de Freud se deu através da narrativa de casos clínicos como sustentação para sua ciência (Dockhorn, 2015; Teixeira, 2005).

Por meio da consolidação da metapsicologia freudiana, alguns psicanalistas iniciaram um movimento inédito ao construírem aportes técnicos e teóricos direcionados à infância (Dockhorn, 2015). Após Freud e sua observação de seu neto Ernest e também a sua análise do pequeno Hans (Freud, 1909/2015; Freud 1920/2010), as autoras Anna Freud e Melanie Klein mostraram-se interessadas na complexidade da criança. Embora suas teorias colidam em determinados aspectos, ambas são consideradas pioneiras na concepção de uma psicanálise destinada às crianças (Stürmer, 2009).

Nesse sentido, a psicanálise da infância possui atributos singulares e fundamentos teóricos e técnicos próprios, sobretudo quando se refere à expressão do inconsciente. O brincar para a criança é como a associação livre de adultos, possibilitando a expressão de conflitos e desejos dentro de um *setting* terapêutico. A compreensão do analista sobre a forma como a criança brinca no processo de análise é essencial (Blinder, Knobel & Siquier, 2011). A partir disso, um questionamento é formulado: se o brincar é a associação livre da criança, qual o papel do conto de fadas na análise infantil?

É na procura pela clarificação desse questionamento que foi possível identificar observações relevantes de alguns autores. Bettelheim (1976/2018) aponta

que a escolha do conto infantil pela criança e pela família se dá inconscientemente, e a história ali narrada acessa a criança a partir de sua sugestibilidade. As ideias presentes em cada história não são explícitas, mas incentivam a fantasia da criança na busca de uma forma de introjetar e aplicar a si a mensagem ali transmitida.

Já Corso e Corso (2005) complementam que algumas narrativas podem atuar como um “esquema imaginário” e possibilitar à criança o apoio a seus conteúdos inconscientes e conscientes, mediante um instrumento meramente representativo e ilustrativo. Também há aqueles que sugerem o conto como uma válvula de escape, oferecendo a possibilidade do simbólico para lidar com os conflitos psíquicos. Junto da psicanálise, o conto busca pelo representável, por algo que dá nome ao sem nome. Servem para preencher o que se encontra vazio através da nomeação e da fantasia (Gutfreind, 2014; Moraes & Baracat, 2015).

Gutfreind (2003/2020) traz novas considerações sobre a literatura como um recurso terapêutico importante na psicanálise da infância. A partir de suas pesquisas com crianças abrigadas, o autor propõe o conto como um instrumento que propicia interações. No vínculo com um adulto, torna viável à criança uma constituição dentro de suas próprias fantasias. Além disso, por meio de casos clínicos, o autor aponta para a possibilidade de o conto auxiliar na elaboração de angústias e lutos de uma perda real.

Dessa forma, entende-se a leitura de histórias infantis como um crescente protagonista em intervenções com crianças, principalmente pelo seu caráter educativo (Corso & Corso, 2005; Gutfreind, 2003/2020). Não apenas a psicanálise reconhece e faz uso da literatura, mas outras linhas de pesquisa também apontam para sua importância. Alguns estudos sugerem que a leitura nos anos iniciais, quando compartilhada com os pais, impacta positivamente no desenvolvimento (O’Farrelly et al., 2018; Xie et al., 2018). Em uma recente pesquisa, a leitura compartilhada com os pais aos seis meses de idade pode reduzir problemas comportamentais logo aos três anos de idade, indicando a leitura como uma estratégia preventiva de saúde mental (Weisleder et al., 2019).

A conclusão desenhada é que os contos de fadas têm uma função singular na composição da subjetividade, abrindo novos caminhos para lidar com conflitos, sintomas e desejos. Essas são possibilidades que a Ambientoterapia contempla. A Ambientoterapia é uma modalidade de tratamento diferente do *setting* analítico tradicional, considerando o ambiente como o principal elemento terapêutico (Amaral, Milagre, Kreutz & Giaretta, 2015). Consiste em grupos de pacientes com alguma característica semelhante (idade, diagnóstico, características físicas, ou outros critérios) que realizam uma rotina de atividades acompanhadas por terapeutas.

Essa modalidade de tratamento é indicada a sujeitos com dificuldades graves em seu desenvolvimento psíquico, quiçá geradas por falhas ambientais (Taschetto & Nilles, 1996), como aqueles que apresentam condições egoicas

precárias e uma noção de si inconsistente (Amaral, Milagre, Kreutz & Giaretta, 2015). Essa precariedade egoica pode ser manifestada em formatos distintos, tanto no sentido de não desenvolver a aptidão para construir vínculos quanto na incapacidade de reconhecer os limites do objeto. Presenciar a interação de funcionamentos antagônicos levanta questões relevantes, sobretudo quando a interação se dá a partir da leitura compartilhada.

Entre as atividades ofertadas pela Ambientoterapia está a Hora do Conto, caracterizada como um exercício de leitura em grupo. Sua dinâmica se dá através da leitura de uma história, comumente decidida pelos pacientes, por um dos terapeutas. No entanto, em caso de manifestação de conteúdos particulares, a escolha da narrativa pode ser direcionada no intuito de trabalhar esses conteúdos apresentados, fornecendo à atividade um caráter terapêutico. O contar e o ouvir convocam o sujeito à interação com o outro e a compor-se como sujeito de identidade, capaz de sentir, pensar, e principalmente, imaginar (Gutfreind, 2003/2020).

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo discutir a função terapêutica da leitura de histórias infantis em um grupo de Ambientoterapia com dois pacientes crianças. Para isso, a discussão é feita sob a luz dos relatos de atendimentos realizados em um grupo de pacientes no setor de Ambientoterapia do Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa na Infância e Adolescência (CEAPIA), em especial os acompanhamentos realizados pela equipe durante a atividade Hora do Conto.

## **Relato de atendimento**

Na busca pela discussão aqui almejada, serão utilizados relatos dos atendimentos de Peter Pan e Pinóquio, nomes fictícios inspirados em histórias clássicas da literatura e utilizados para preservar as identidades dos pacientes. Ambos iniciaram o tratamento em momentos distintos, mas convivem no mesmo grupo de tratamento.

Peter tem nove anos e foi encaminhado para a Ambientoterapia em razão de seu diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (APA, 2013). Para além da descrição nosológica de prejuízos na interação social e padrões repetitivos de comportamentos e interesses, o paciente apresenta sintomas característicos do funcionamento autístico, como dificuldades em construir e preservar vínculos, pobreza da busca pelo objeto, vivendo-o como vazio, e déficits em manter-se atento às tarefas executadas em grupo (Alvarez, 1994; 2020). Nos atendimentos realizados com Pinóquio e outros quatro terapeutas, Peter demonstra introspecção e desinteresse em diversos momentos, exigindo intervenções da equipe para o paciente escapar de um estado de retraimento, ou como Alvarez (2021) sugere em sua analogia do pensamento como trilhos de um trem, fazer o paciente retornar aos trilhos quando se encontra perdido, e nesse caso, voltar-se para a atividade realizada.

Já Pinóquio possui 10 anos e recebeu a indicação de tratamento na Ambientoterapia devido a suas dificuldades nas relações interpessoais. Eram relatadas brigas na escola, ansiedade para falar e responder perguntas sem aguardar a vez do colega, além de baixa tolerância à frustração. Na Ambientoterapia, essas dificuldades eram expressadas em situações diversas: o paciente falava por cima dos terapeutas, respondia perguntas não direcionadas a ele, buscava ser o primeiro a fazer qualquer atividade, e manifestava frustrações quando perdia em algum jogo coletivo.

Com base nessas descrições, é possível identificar que tanto Pinóquio quanto Peter apresentam obstáculos no reconhecimento do objeto, sendo manifestados por funcionamentos antagônicos. Enquanto Peter não identifica o objeto como passível de vínculo, evidenciando uma pobreza egoica, Pinóquio reconhece e invade, desconsiderando os mais diversos limites do objeto. Enquanto um não busca, o outro busca em excesso. Enquanto um procura preencher a si mesmo, o outro preenche o espaço inteiro. O desafio é encontrar um ponto de equilíbrio que contemplasse funcionamentos sobrepostos e desencadeasse efeitos terapêuticos.

A partir disso, algumas contribuições teóricas podem auxiliar na compreensão de Peter e Pinóquio. Winnicott (1987/2020) aponta para a importância da etapa de *holding* na construção do aparelho psíquico da criança. Esse processo, comumente atribuído à figura materna, mas passível de ser exercida por qualquer adulto, consiste em segurar o bebê e dar suporte para suas demandas fisiológicas e emocionais. O objeto identifica-se com o bebê e reconhece suas necessidades, colocando-se como um ego auxiliar. Logo, inaugura-se um ego pessoal e frágil ao bebê. Apesar disso, esse processo não é linear e sobretudo pode instaurar condições egoicas precárias no sujeito.

Dentro dessa dinâmica grupal, a Hora do Conto e a atividade de ler uma história em conjunto revelou indícios de ser uma estratégia interventiva eficaz para Pinóquio e Peter. Sua utilização como instrumento terapêutico torna possível que manifestem sentimentos e angústias, auxiliando os pacientes a pensar e representar, algo primordial em qualquer psicoterapia (Gutfreind, 2003/2020).

Como a função de ler e controlar o ritmo da leitura eram responsabilidades de um dos terapeutas, essa relação de leitor e ouvinte colocava os pacientes em posição de horizontalidade, proporcionando o estabelecimento de limites na interação do grupo ao mesmo tempo que os incentivava a acompanhar a história e conseqüentemente formar vínculos (Gutfreind, 2003/2020).

No entanto, em alguns momentos, esse tipo de limite se mostrou insuficiente. Pinóquio lia em uma velocidade maior que o ritmo do grupo, não aguardava os colegas e solicitava a troca de páginas sem que todos tivessem finalizado a leitura. Já Peter levava um tempo mais longo para ler e, dependendo das informações contidas na história, desconectava-se da dinâmica grupal ou trazia conteúdos que não diziam respeito ao momento presente, mobilizando-o intensamente. Dessa forma, as intervenções verbais dos terapeutas, como a explicitação de regras e a busca por retornarem ao mesmo ritmo de leitura,

caracterizavam-se como intervenções fundamentais à dinâmica, visto que preservava a coesão da atividade e desencadeava repercussões terapêuticas relevantes aos pacientes.

A relação entre Peter e Pinóquio também começou a apresentar mudanças durante a Hora do Conto. De início, via-se uma interação empobrecida entre os dois, especialmente pelo funcionamento de Peter, o que convocava à participação dos terapeutas na busca por estimulá-lo. Porém, em razão do convívio e do grande interesse na atividade literária pelos pacientes, as mudanças na dinâmica do grupo começaram a aparecer, dando maior solidez à interação dos dois.

Além disso, conteúdos importantes dos pacientes foram manifestados. Preferências de leituras, jogos e desenhos animados surgiram na atividade e possibilitaram uma aproximação, já que muitas dessas preferências eram compartilhadas. Questionamentos e diálogos sobre assuntos em comum, ou sobre a própria narrativa da história, também se fizeram presentes.

Quando se utiliza de um recorte específico de Peter e Pinóquio, é possível visualizar notáveis mudanças. Peter era um menino com dificuldades em formar vínculos e ter contato com outras pessoas, sendo visto nas angústias manifestadas em determinados momentos. A atividade da Hora do Conto foi um recurso essencial para ilustrar o quanto o paciente vinha desenvolvendo a capacidade de construir vínculos, podendo ser potencializada na própria atividade. Isso é visto através da frequente busca por Pinóquio, não só respondendo às solicitações feitas pelos seus colegas de grupo, mas também na busca direta ao diálogo, evidenciando um progresso no seu aparelho psíquico.

No que tange ao funcionamento de Pinóquio, mudanças começaram a ser expressadas também. Inicialmente, o paciente se mostrava um menino invasivo, com dificuldades em reconhecer os limites de si e dos outros, exigindo dos terapeutas a repetida explicitação de regras e imposições do ambiente. A partir disso, foram vistos progressos na falta de reconhecimento de limites e na diminuição de ansiedade durante as atividades do grupo. Pinóquio foi se mostrando mais apto a aguardar sua vez, a lidar com sua ansiedade em ser o primeiro nas atividades, assim como reconhecer e respeitar a presença dos terapeutas e paciente dentro do espaço, reduzindo suas interrupções. A Hora do Conto teve papel crucial nessa evolução, já que a atividade implicava uma adaptação de Pinóquio ao grupo. Junto disso e das intervenções diretivas dos terapeutas, o paciente deu início a um processo de adequação à dinâmica e a outras atividades, o que evidencia um incremento no reconhecimento do objeto e seus limites.

Conclui-se, então, que a Hora do Conto revelou ser um recurso importante para o trabalho terapêutico dentro da Ambientoterapia, estando apta a acessar as crianças e seus conteúdos de ordem superficial e profunda. Não só instigou Pinóquio e Peter a buscarem adaptações frente às demandas mais concretas, como também auxiliou na formação de vínculos mais sólidos e genuínos. Esses efeitos podem trazer benefícios nas diferentes circunstâncias do cotidiano e na vivência de contextos distintos, como ambientes escolares e de lazer.

## Compreensão do caso

A prática de Ambientoterapia possui características específicas que a diferenciam do *setting* tradicional (Amaral, Milagre, Kreutz & Giaretta, 2015). Essa modalidade de tratamento pode ser entendida como um espaço capaz de proporcionar bases para a construção egoica da criança, processo no qual se assemelha à relação mãe-bebê (Gonçalves, Silva, Menezes & Tonial, 2017; Winnicott, 1987/2020). Dentro dessa concepção, compreende-se o espaço da Ambientoterapia composto não apenas de objetos materiais, mas de sujeitos com presenças constantes, que dão base para desenvolver um trabalho terapêutico efetivo.

Na Hora do Conto isso não é diferente. Nos casos de Pinóquio e Peter, é visível a expressão de condições egoicas bastante empobrecidas que necessitam de intervenções em formatos distintos. Nesse caso, a leitura compartilhada exerce um papel importante como recurso terapêutico por convocá-los à interação, tanto com adultos como em pares, o que corrobora com a literatura (Gutfreind, 2003/2020).

Além disso, a Hora do Conto evidenciou características acessíveis aos dois pacientes. Por ser realizada em grupo e possibilitar a expressão de funcionamentos distintos, tanto Peter quanto Pinóquio foram convocados a adaptar-se à dinâmica de leitura. Se Peter demonstrava introspecção e retraimento, e Pinóquio expressava ansiedade e invasões, foi necessária a construção de novos recursos com o propósito de ler a história por completo. É dentro dessas diferenças, mas com objetivos compartilhados, que a convocatória para inaugurar novos formatos de relações emergiu, sendo entendido como o principal efeito terapêutico da Hora do Conto.

Essa conjuntura corrobora com o conceito de ambiente facilitador, de Winnicott (1987/2020). É nesse ambiente que a criança encontra o *holding* necessário e se vê apoiada para desenvolver seu aparelho psíquico de forma saudável. Nesse caso, o papel da Hora do Conto e dos terapeutas é compreendido como a capacidade de entender e nomear as necessidades de cada paciente, ao mesmo tempo incentivá-los às interações e à autonomia, sustentando a construção de novos recursos para além do *setting* terapêutico.

No entanto, é importante compreender a atividade da Hora do Conto, considerando os efeitos particulares em cada paciente, e deve ser pensada de forma individualizada. Olhando para Peter e Pinóquio, percebe-se que as repercussões em ambos foram distintas devido à expressão de cada um ser diferente. Pinóquio evidenciava uma precariedade em reconhecer os limites de si e dos objetos, levando-o a ter comportamentos ansiosos e invasivos. Entende-se isso como um empobrecimento do reconhecimento do eu e do não-eu. Nos estágios iniciais do bebê, há um processo de discriminação do sujeito com seu cuidador, onde inicialmente a criança encontra-se em estado de dependência absoluta. Aos poucos, esse cuidador consegue diferenciar esse bebê e dar contornos mais visíveis ao ego, gerando a independência do seu objeto (Winnicott, 1966/2020).

Esse processo de discriminação não é linear e geralmente apresenta momentos de regressão (Winnicott, 1988/2020). Sugere-se então que Pinóquio



possa ter tido falhas no seu processo de diferenciação. O papel da atividade Hora do Conto e da leitura compartilhada possibilitou ao paciente contornos de diferenciação mais evidentes, construindo formas mais concretas de reconhecer essas diferenças. Isso pode ser visto a partir do papel da leitura em grupo, com regras mais claras e intervenções diretivas dos terapeutas no intuito de sinalizar os limites de cada um. A dinâmica foi ajudando Pinóquio a desenvolver novos recursos e lidar com essa diferenciação, relacionando-se de forma mais saudável.

No que tange a Peter e seu diagnóstico, contribuições importantes também podem ser visualizadas. Inicialmente, o paciente demonstrou condições de ego frágeis e uma indiferenciação entre o eu e o não-eu, de acordo com Winnicott (1988/2020). Essa indiscriminação pode ser vista pela constante introspecção do paciente, não buscando uma relação com o objeto, desconectando-se da atividade realizada e pelas dificuldades nas relações.

O processo de diferenciação começa a se instalar por meio de falhas do cuidador com as necessidades do bebê, possibilitando a saída de uma dependência absoluta para uma independência. Inaugura-se então o que se chama de espaço transicional, essencial para a experiência daquilo que não é parte do ego. Neste espaço, o que conta é o que o bebê faz com o objeto relacional. Porém, para isso, há um processo de passar para um objeto subjetivamente concebido pelo bebê, ou como podemos chamar de objeto transicional, para um objeto percebido realisticamente (Outeiral, 2010; Winnicott, 1971/2019).

Nisso, opera-se uma diferença entre fazer uso e se relacionar com o objeto, em que a partir da destrutividade inconsciente, o mesmo sobrevive e instala a relação de objeto para além da projeção de sujeito, inaugurando assim a possibilidade de fazer uso de um espaço compartilhado com o outro (Winnicott, 1971/2019). É dentro dessa dinâmica que Peter pode ter enfrentado obstáculos os quais atualmente desencadeiam o seu funcionamento sintomático.

Logo, para Peter, a Hora do Conto teve um papel importante como um espaço transicional, de criatividade. Além de fornecer o devido *holding* para suas demandas e dificuldades (Winnicott, 1988/2020), a atividade oportunizou ao paciente o desenvolvimento de outras formas de relação, sendo possível fazer uso de um espaço compartilhado com o objeto em condição de realidade. Isso foi manifestado a partir das buscas pela interação não só com Pinóquio, mas com os terapeutas também, o que corrobora com o que Gutfreind (2003/2020) aponta sobre a leitura como um recurso terapêutico através do incentivo às interações.

Por fim, as conclusões que se desenham nas reflexões aqui apontadas evidenciam a relevância da atividade da Hora do Conto como intervenção terapêutica. Ela possibilita repercussões importantes aos pacientes através da interação e explicitação de regras e limites, intervenções necessárias para Peter e Pinóquio. No entanto, é preciso destacar que a função terapêutica da leitura, apesar de ser compartilhada em grupo, não deve ser generalizada de forma superficial e necessita levar em consideração as características individuais do sujeito.



## Considerações finais

O trabalho em contexto de Ambientoterapia é complexo e demanda ao terapeuta a busca por estratégias que contemplem a complexidade de cada paciente. Contudo, pensar nessas estratégias é um desafio importante ao profissional, já que cada sujeito tem uma singularidade e, por isso, exige recursos terapêuticos específicos. Muitos desses recursos podem não ser efetivos e acabam por apresentar limitações. Porém, a leitura compartilhada revelou-se como um papel importante para trabalhar com pacientes distintos.

A Hora do Conto com Peter e Pinóquio conseguiu suscitar efeitos terapêuticos nos dois. Isso coloca em evidência o quanto a literatura tem peculiaridades que apontam para a sua importância em contexto de psicoterapia, principalmente em *settings* distintos do tradicional, como a Ambientoterapia. Para isso, a sua intervenção deve ser sempre posta considerando o funcionamento de cada criança, desde sua demanda inicial até suas características mais disfuncionais, buscando acessá-lo de forma saudável e gerando efeitos terapêuticos almejados.

## Referências

- Alvarez, A. (2021). Níveis de trabalho terapêutico e níveis de patologia: o trabalho de calibragem (p. 23-58). In A. Alvarez. *O coração pensante: três níveis de terapia psicanalítica com crianças e adolescentes*. Blucher.
- \_\_\_\_\_. (1994/2022) A vida vegetal e os despertares. In A. Alvarez. *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, desamparadas e que sofreram abuso* (pp. 59-80). Blucher.
- Amaral, F.A., Milagre, P.K., Kreutz, R.H., Giaretta, V. (2015). Autismo, Ambientoterapia e Psicanálise. *Publicação CEAPIA: Revista de Psicoterapia da Infância e da Adolescência*, 24, 24-36.
- American Psychiatric Association. (2013). Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (5ª ed.) Artmed.
- Bettelheim, B. (1976/2018). A necessidade da magia da criança. In B. Bettelheim. *A Psicanálise dos Contos de Fadas* (pp. 67-77). Paz e Terra.
- Blinder, C., Knobel, J., & Siquier, M. L. (2011). A interpretação do brincar. In C. Blinder, J. Knobel, M. L. Siquier. *Clínica Psicanalítica com Crianças* (pp. 85-120). Ideias & Letras.
- Corso, D. L., & Corso, M. (2005). *Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis*. Artmed.
- Dockhorn, C. N. B. F. (2015). Metapsicologia: Diretrizes Cartográficas à Complexidade Psíquica. In M. M. K. Macedo (Org.). *Neurose: Leituras Psicanalíticas*. (pp. 57-72). EDIPUC.
- Freud, S. (2010). Além do princípio de prazer. In S, Freud. *O Homem dos Lobos e Outros Textos (1917-1920)*. Companhia das Letras. (Original publicado em 1920).
- \_\_\_\_\_. (2015). Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos. In S, Freud. *Delírio e os Sonhos na Gradiva, Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos e Outros Textos (1906- 1909)*. Companhia das Letras. (Original publicado em 1909).

- Gonçalves, A., Silva, B., Menezes, M., & Tonail, L. (2017). Transtornos do espectro do autismo e psicanálise: revisitando a literatura. *Tempo psicanalítico*, 49(2), 152-181. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382017000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000200008).
- Gutfreind, C. (2014). *A infância através do espelho*. Artmed.
- \_\_\_\_\_. (2020). Era uma vez e é ainda: o conto e a psicanálise infantil. In C. Gutfreind. *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na clínica e na escola*. (pp. 65-95). Artmed.
- \_\_\_\_\_. (2020). Suficientemente narrativa: a importância terapêutica do conto. In C. Gutfreind. *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na clínica e na escola*. (pp. 123-129). Artmed.
- Moraes, A. M., & Baracat, M. (2015). O Conto de Fadas e seu uso na Clínica Psicanalítica com Crianças. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia (Garça)*, 24(1), 1-11.
- Nilles, M. A., Taschetto, A.R. (1996). Ambientoterapia: uma indicação terapêutica na infância e adolescência. *Publicação CEAPIA: Revista de Psicoterapia da Infância e Adolescência*, 9(9), 127-134.
- O'Farrelly, C., Doyle, O., Victory, G., & Palamaro-Munsell, E. (2018). Shared reading in infancy and later development: Evidence from an early intervention. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 54, 69-83. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2017.12.001>
- Outeiral, J.O. (2010). Transicionalidade e criatividade: rabiscos sobre o viver criativo. *Jornal de Psicanálise*, 43(98), 91-98.
- Reis, G. R. (2013). A Importância dos Contos de Fadas originais no Desenvolvimento Infantil: um Incentivo ao raciocínio lógico [Trabalho de Conclusão de Curso] Universidade Estadual Paulista. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/120737>
- Schneider, R. E. F., & Torossian, S.D. (2009). Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. *Psicologia em Revista (Belo Horizonte)*, 15(2), 132-148.
- Sturmer, A. (2009). As origens da psicoterapia de crianças e de adolescentes na psicanálise. In: M. G. K. Castro, & A. Sturmer (Org.). *Crianças e adolescentes em psicoterapia: uma abordagem psicanalítica* (pp. 31-41). Artmed.
- Teixeira, L. C. (2005). O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. *Psychê (São Paulo)*, 16, 115-132.
- Weisleder, A., Cates, C. B., Harding, J. F., Johnson, S. B., Canfield, C. F., Seery, A. M. & Mendelsohn, A. A. (2019). Links between Shared Reading and Play, Parent Psychosocial Functioning, and Child Behavior: Evidence from a Randomized Controlled Trial. *The Journal of Pediatrics*, 213, 187-195. <https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2019.06.037>Winnicott, D. W. (2019). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In D. W. Winnicott. *O brincar e a realidade*. Imago Editora (Originalmente publicado em 1971).
- \_\_\_\_\_. (2020) O recém-nascido e sua mãe. In D. W. Winnicott. *Bebês e suas mães*. Ubu Editora. (Originalmente publicado em 1988).
- \_\_\_\_\_. (2020). As origens do indivíduo. In D. W. Winnicott. *Bebês e suas mães*. Ubu Editora (Originalmente publicado em 1988).
- Xie, Q., Chan, C. H. Y., Ji, Q., & Chan, C. L. W. (2018). Psychosocial Effects of Parent-Child Book Reading Interventions: A Meta-analysis. *Pediatrics*, 141(4), 1-12. <https://doi.org/10.1542/peds.2017-2675>